

UTOPIAS E PROJETOS DE MODERNIDADE: O UTOPISMO E O PAPEL DA CIDADE NO PROJETO CIVILIZADOR DE D.F. SARMIENTO.

Bruno Passos Terlizzi
brunopassosterlizzi@gmail.com
Mestrando, IFCH/Unicamp

Resumo:

As reflexões desenvolvidas aqui tiveram por objetivo evidenciar as características utópicas presentes em três obras do escritor argentino D.F. Sarmiento: *Facundo*, *Viajes* e *Argirópolis* e a maneira como elas se articulam dentro do discurso político sarmientino configurando assim uma armação para seu projeto de nação. Em outras palavras, as obras de Sarmiento apresentariam a particularidade de possuir o que alguns teóricos literários definem como *utopismo*, sendo na verdade um certo inconformismo em relação ao seu contexto histórico de modo a contribuir com a atualização da ética e da justiça por meio de sua obra literária. Exemplo disso, então, seria o papel civilizador e modelador que a cidade – tanto física como ideal – apresentaria nas concepções sociológicas e de nação desenvolvidas pelo autor. A *civitas* representaria, assim, não somente um instrumento de superação da crise política que a Argentina da primeira metade do século XIX vinha sofrendo, mas também comprovaria algumas suspeitas levantadas no decorrer da investigação de que a concepção de história que um determinado indivíduo ou comunidade tem para si acaba por influenciar a maneira e as formas dele atuar sobre sua realidade presente e histórica.

Abstract:

The reflections developed in this paper analyses some utopian features noticed in three oeuvres of the Argentinean writer D.F. Sarmiento: *Facundo*, *Viajes* and *Argirópolis*, and the way these works are connected to Sarmiento's political thought and how they configure his project of a nation. In other words, these oeuvres present the particular idea of what some scholar define as *utopism*: an uncomfortable feeling towards his own historical context in the way this could bring about ethics and fairness to society by someone's literary action. The town, by its means, would play an important, civilized and modeler role in the author's sociological conceptions. The *civitas* represents, not only an instrument to overcome the political crisis that nineteenth century post-independent Argentina was suffering, but also gave answers to few assumptions while the research was held, such as the idea that a certain conception of History might affect how individuals could comprehend and act towards their historical reality.

Introdução:

Dentre muitas particularidades que a cultura e a história Argentina arroga para si, a literatura se mostra como um grande exemplo desse ineditismo ou particularismo nacional. Principalmente quando se fala na literatura produzida durante a primeira metade do séc. XIX, tendo como seus maiores expoentes: Estévan Echeverría, José Marmol, Vicente Fidel López, José Maria Gutierrez, Juan Bautista Alberdi e o não menos polêmico e D.F. Sarmiento. Segundo a crítica literária e a historiografia argentina¹, a literatura nacional sofre uma espécie de “perversão”, muito devido aos acontecimentos políticos que reviraram toda confederação nacional e principalmente sua principal província em poder de influência político e econômico: Buenos Aires.

Em outras palavras, a forma truculenta, imperativa e homogeneizadora como a política de Juan Manuel de Rosas passou a ser conduzida depois de sua segunda subida ao poder em 1835, devido principalmente ao caos político gerado pelas massas urbanas e rurais descontroladas e muitas vezes manipuladas pelas forças em disputa pelo poder na província de Buenos Aires, acabou por contrariar as expectativas de uma pequena classe de intelectuais que, por meio de um “uso público da razão”, imaginavam um projeto de nação diferente daquele que se fazia manifesto com a crescente polarização e hostilidade promovida pelo “tirano” Rosas².

“La excepcionalidade argentina radica en que sólo allí iba a parecer realizada una aspiración muy compartida y muy constantemente frustrada en el resto de Hispanoamérica: el progreso argentino es la encarnación en el cuerpo de la nación de lo que comenzó por ser un proyecto formulado en los escritos de algunos argentinos cuya única arma política era su superior clarividência. No es sorprendente no hallar paralelo fuera de la Argentina al debate en que Sarmiento y Alberdi, esgrimiendo sus pasadas publicaciones, se disputan la paternidad de la etapa de historia que se abre en 1882”³.

É a partir desse fato que a literatura nacional argentina sofre esse “desvio”, sendo assim utilizada como instrumento político na mão desse grupo de intelectuais, também

¹ Veja-se os textos e reflexões de PRIETO, Adolfo. *Los Viajeros Ingleses Y La Emergencia De La Literatura Argentina (1820-1850)*. México: FCE, 1996. RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina. Literatura y política en el siglo XIX*. México: FCE, 1989. SARLO, Beatriz; ALTAMIRANO, Carlos. *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

² HALPERIN DONGHI, T. *De la Independencia a la Confederación Rosista*. Buenos Aires: Paidós, 1985.

³ HALPERIN DONGHI, Túlio. *Proyecto y Contrucción de una Nación (1846-1880)*. Buenos Aires: Emecé, 2007. p. 18.

conhecidos como Geração de 1837⁴. Essa literatura profundamente influenciada pelos ideais e proposições românticas do início do séc. XIX, desenvolverá toda uma reflexão sobre um possível e desejado projeto de nação, que por um momento se via obstaculizado pelas incertezas políticas ocorridas à época: Rosas e a extrema polarização entre sua concepção política do Federalismo e os partidários unitários, sua política de alianças e conflitos com outras províncias argentinas e sua atuação no disciplinamento das massas camponesas e da dissidência política, chegando muitas vezes à formação de uma estrutura paramilitar que promovia uma espécie de terror de Estado – a mazorca.

Nesse sentido a literatura será utilizada com dois propósitos claros: oposição contínua e persistente a Rosas e ao modelo Federalista ortodoxo baseado nas alianças políticas entre caudilhos provinciais, bem como ao entendimento da cultura e da sociedade argentina, fornecendo-se assim uma base necessária ao soerguimento da nação tão esperada e planejada. Nesse ponto, a crítica ao partido Unitário é evidente, já que a geração romântica apontava como um grave erro a não observância, por parte dessa aristocracia portenha, da participação das massas rurais e urbanas no processo político, algo que fora muito bem utilizado e articulado por Rosas.

É nessa época de grandes esperanças e frustrações que as três obras de D.F. Sarmiento estão contextualizadas. Ainda que sendo uma espécie de discípulo distante, Sarmiento compartilhava desse anseio e crença na organização da nação como um movimento evolutivo e natural da história que estava sendo obstaculizado pela atuação “bárbara” do general e caudilho portenho. A crença no historicismo⁵ romântico de que as nações se desenvolveriam e evoluiriam naturalmente a partir da utilização pública da razão, tal qual Victor Cousin⁶ apregou, sofreu um golpe tremendo que fez com que muitos desses intelectuais revissem suas prerrogativas e bases de análise da realidade política e social argentina⁷.

⁴ MYERS, Jorge. “La generación de 37”. in GOLDMAN, Noemi. *La Nueva Historia Argentina*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1998.

⁵ POPPER, Karl. *A miséria do historicismo*. São Paulo: Cultrix, 1987. p.3: “[o historicismo] uma abordagem das ciências sociais, que pressupõe que a previsão histórico é o seu objetivo primordial, e que pressupõe que este objetivo é atingível por descobrir os ritmos ou padrões, as leis ou as tendências que estão subjacentes à evolução da história”.

⁶ TERÁN, Oscar. *Historia de las ideas en la Argentina*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2009. pp. 65-68.

⁷ BOTANA, Natalio. *La tradición republicana. Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1984. p. 300: “La solución sin embargo no tardaría en llegar pues el camino estaba trazado. De un tajo cortó el sentido evolutivo y el arraigo con la continuidad con el pasado que encerraba esa palabra y sus parientes cercanos (hábitos, usos, creencias, tradición), para introducir en ellas la ambición proveniente de la ribera opuesta del voluntarismo legislativo. Ya no bastaba con descubrir las costumbres porque eso rostro oculto – pura deformidad – reflejaba despotismo y anarquia en la Argentina. No: era preciso crearlas y construirlas como quien modela una sociedad”.

É justamente tentando explicar o aparentemente inexplicável que Sarmiento desenvolve sua literatura e obra intelectual, propondo saídas para o impasse gerado pela nova conformação política pela qual a Argentina passava. Sua obra mais conhecida: *Facundo: civilização e barbárie* é antes de tudo uma reflexão histórica, política e sociológica sobre a sociedade argentina de seu período, de modo a entender quais seriam as forças atuantes nesse processo conflitivo polarizado entre civilização e barbárie que permitiram a ascensão de Rosas ao poder. Entretanto, para se chegar a esse fim, Sarmiento analisará primeiro a força primitiva desse barbarismo, presente em outro caudilho: Facundo Quiroga, já que Rosas é a “barbárie feita em sistema”, em partes civilizada pela culta Buenos Aires, tal qual o autor expressa nos capítulos “Guerra Social”⁸.

O que se tem em *Facundo*, então, é a criação de uma sistema explicativo que abarcasse esse enigma que na concepção historicista era impossível de existir. O que se quer dizer é que a barbárie passou a ter uma história; história esta que até então, segundo a ótica romântica, era produto única e exclusivamente da civilização. Apesar de ser uma análise profundamente determinista e até certo ponto cíclica – que tenta explicar o tecido social e os acontecimentos políticos primeiramente pela interação homem-ambiente físico-geográfico⁹ e concomitantemente perceber a profunda influência e persistência da cultura hispânica e colonial nas práticas, costumes e organizações políticas presentes, por exemplo, nos pampas e interior do país¹⁰ – permite a Sarmiento desenvolver um tipo de concepção histórica própria, possibilitando através do dilema a suspeita de uma outra interpretação para o fato da barbárie ter aparentemente vencido a civilização¹¹.

Tal concepção até certo ponto inovadora em relação à história, que trabalha a problemática, por exemplo, da anarquia com a formação da ordem de um Estado nacional, do determinismo natural e a ação humana sobre seu meio, será profundamente transformada com

⁸ PALTÍ, Elias. “Rosas como enigma: La genesis de la fórmula ‘Civilización y Barbarie’”. in BATTICUOERE, Graciela; KLAUS, Gallo; MYERS, Jorge. *Resonancias románticas: ensayos sobre historia de la cultura (1820-1890)*. Buenos Aires: Eudeba, 2005. p. 84. “La fórmula que Sarmiento originalmente concibió como un dispositivo categorial para fundamentar por qué la lucha, una vez planteada en los términos de un enfrentamiento entre civilización y barbárie, sólo podía conducir al triunfo de la primera de ambas, tendría así que contorsionarse para terminar, paradójicamente, sirviendo de marco para pensar precisamente aquello que tal fórmula excluía conceptualmente como posibilidad: la derrota de la civilización en manos de la barbárie. Éste es, en definitiva, el dilema que indica Rosas como figura histórica y del que nacerá *Facundo*”

⁹ SARMIENTO, D.F. cap II: “Originalidad y Caracteres argentinos” in *Facundo*. Buenos Aires: Losada, 1963.

¹⁰ *Idem*. Cap. III: “Asociación – La pulpería”

¹¹ PALTÍ, Elias. Op. cit. p. 72: “Para tomar un término acuñado por Koselleck, la consolidación del ‘régimen bárbaro’ vino a frustrar un cierto ‘horizonte de expectativas’, aquello que hasta entonces sostenía la certidumbre de ‘estar en lo cierto’ respecto al comportamiento previsible de la sociedad y la historia y confería inteligibilidad a sus acciones. Y ello no porque contradecía ciertas máximas relevantes, sino porque planteaba un dilema, lo que daría lugar a una quiebra de inteligibilidad”

as experiências que o autor passará em sua viagem à Europa, África e EUA, testemunhadas na compilação de suas cartas no livro *Viajes*. Basicamente, o que o intelectual argentino sofre é uma certa contrariedade em seus modelos explicativos, que o faz sair desse determinismo natural e perceber a atuação do indivíduo na história. Em outras palavras, a noção de protagonismo é o que possibilita a esse indivíduo atuar historicamente em sua realidade, projetando mundos outros que destoam da realidade imediata ou se opõem à estrutura política e social tal como é apresentada e estruturada. Daí a “ousadia” e a sagacidade, ainda que pareça ingênuo por parte do autor, as propostas elaboradas na obra *Argirópolis*, em que o projeto de construir uma capital federal na ilha de Martín García demonstraria toda uma capacidade de agência por parte de um indivíduo politicamente atuante.

Nota-se, então, que as noções de utopia e utópico presentes na obra de Sarmiento se dariam a partir da transformação de sua concepção de história, saindo de um certo historicismo determinista de modo a visionar uma história que simplesmente acontece por meio da atuação e agência do indivíduo. É nesse ponto que a noção de utópico ou mais precisamente de utopismo, como se percebeu ao se aprofundar as reflexões sobre utopia, se dá. Isso porque a utopia/utopismo só é possível quando o indivíduo passa a ter consciência de sua história e dos problemas de seu tempo, prospectando maneiras de atuar criticamente em seu presente e “corrigindo” certos desvios a partir de uma concepção ética e justa da sociedade. *Argirópolis* e a figura da cidade como ordenadora desse processo de caos político no qual a Argentina se encontrava mergulhada é um ótimo exemplo síntese dessa mudança pela qual o autor passa.

As reflexões desenvolvidas aqui tiveram por objetivo, então, evidenciar as características utópicas presentes em três obras do escritor argentino D.F. Sarmiento: *Facundo*, *Viajes* e *Argirópolis* e a maneira como elas se articulam dentro do discurso político sarmientino configurando assim uma armação para seu projeto de nação. Em outras palavras, o que se pôde constatar é que as obras de Sarmiento apresentariam a particularidade de possuir o que alguns teóricos literários definem como *utopismo*, sendo na verdade um certo inconformismo em relação ao seu contexto histórico de modo a contribuir com a atualização da ética e da justiça por meio de sua obra literária. Exemplo disso, então, seria o papel civilizador e modelador que a cidade – tanto física como ideal – apresentaria nas concepções sociológicas e de nação desenvolvidas pelo autor. A *civitas* representaria, assim, não somente um instrumento de superação da crise política que a Argentina da primeira metade do século XIX vinha sofrendo, mas também comprovaria algumas suspeitas levantadas no decorrer da

investigação de que a concepção de história que um determinado indivíduo ou comunidade tem para si acaba por influenciar a maneira e as formas dele atuar sobre sua realidade presente e histórica.

1.1. O *Utopismo* nas obras de D.F. Sarmiento:

Especificamente com relação às obras sarmientinas trabalhadas aqui, não se pode dizer que sejam utopias literárias *stricto sensu*, com traços, características e estruturas próprias de obras que recebem a definição de "utópicas" tais como as já mencionadas *Utopia* de Thomas Morus ou *A cidade do Sol* de Tomasso Campanella, assim definidas pelos literatos¹². A obra sarmientina, ainda que seja fruto dos acontecimentos políticos ocorridos em sua época, tenha uma certa estrutura narrativa de fundo apologético da civilização contra a barbárie e também uma crítica política direta aos rumos da nação argentina, apresenta mais precisamente o que alguns teóricos utopistas definem como um sentimento utópico ou simplesmente *utopismo*.

O utopismo se definiria basicamente como um sentimento de inconformação positiva em relação à sociedade na qual se vive, despertado a partir das injustiças e incongruências presentes tanto na estrutura como no tecido social na qual o autor estaria inserido, influenciando-o a obrar ou simplesmente atuar com o objetivo de transformar a realidade presente.

*“A utopia/utopismo propõe uma redenção do homem pelo homem, nascida de um sentimento trágico da história e da vontade de dirigir seu curso. A procura de uma felicidade ativa, ela visa dar uma finalidade terrestre à aventura humana e testemunha uma consciência sociológica desperta”*¹³.

Além disso, pode-se dizer que o sentimento utópico carrega dentro de si um projeto político de atuação na realidade de modo a recuperar uma determinada ética e justiça com respeito ao coletivo. É dizer que haveria uma espécie de sentimento de atualização de justiça em relação aos fatos contemporâneos ao autor, de modo que a literatura de fundo político desenvolvida pelo escritor contribuiria com esse movimento de conformação da justiça.

¹² Depreendem-se algumas das características fundamentais que evidenciam o gênero utópico. 1) a viagem imaginária da personagem que estabelecerá o contato entre as duas realidades (a sua e a utópica); 2) a descrição de um Estado e governo imaginário, tendo a cidade um destaque central nessa "perfeita" organização social; 3) descrição do projeto político-pedagógico estabelecido na utopia; 4) a descrição de um plano/projeto urbanístico e arquitetural que favorece a vida em comunidade; 5) a crítica à realidade histórica do autor, através de uma oposição especular; 6) um sentimento profundo de mudança das instituições e organizações sociais através da descrição de outros "mundos paralelos"; 7) um deslocamento geográfico do mundo conhecido e uma fratura histórica que é produzida pela condição de perfeição da utopia in TROUSSON, Raymond. "Utopia e utopismo" tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. In. Morus: Utopia e Renascimento. Dossiê: Utopia como Gênero Literário. Vol. 2. Campinas: Unicamp, 2005.

¹³ Idem, ibidem. p. 130.

“É, por conseguinte, o projeto de uma sociedade ou de uma nação ordenada em termos de justiça, não um projeto qualquer, mas eticamente qualificado, que envolve o homem com um vínculo ético, um porvir. Não um fato imaginário, um sonho, uma veleidade impotente, como muitos pensam errando, mas um vínculo, um porvir onde o homem é compelido a atuar. O homem está insuperavelmente inclinado ao comportamento justo, a construir uma sociedade de justiça”¹⁴.

1.2. A cidade no espaço da utopia:

A cidade no espaço conceitual da utopia se apresenta muitas vezes como a evidência da utilização da racionalidade humana em pro de um coletivo. A cidade seria, então, a manifestação das idéias que perpassam a construção do espaço utópico harmonizando a convivência humana de modo a permitir um espaço de contínuo desenvolvimento do próprio indivíduo bem como em relação ao tecido social ao qual a *civitas* utópica abarca. Em outras palavras, a cidade é a expressão da crença de que por meio da razão é possível organizar de forma positiva e benéfica o espaço em que o indivíduo se move¹⁵.

Ademais, a cidade também apresenta uma variada gama de simbolismos dentro do espaço utópico, em que esse simbolismo expressaria tanto as possíveis soluções como ao mesmo tempo evidenciaria as críticas de determinado autor ou intelectual. Assim, haveria o simbolismo da posição, em que a localização em uma ilha, perto de um rio, no alto de uma montanha demonstraria uma realidade autoral; o simbolismo da organização, de forma a expressar as relações entre um microcosmo (interno) e um macrocosmo (relação com todo); e não menos importante o simbolismo das construções, em que os elementos constituintes da *urbe* expressariam os anseios e referências “civilizados” do autor¹⁶.

Ao se ter em conta que as estruturas explicativas de Sarmiento caminham no sentido de uma polarização entre o bárbaro e o civilizado, a cidade ganha nesse quadro a configuração de uma espécie de fortaleza, a pintura figurativa de um oásis no meio de um deserto indômito, tal qual ele caracteriza a região dos pampas argentino em sua obra *Facundo*¹⁷. É dizer que a cidade, ademais de sua forma física e realizável, apresenta também um caráter alegórico na

¹⁴ COLOMBO, Arrigo. “Formas da Utopia: as muitas formas e a tensão única em direção à sociedade de justiça”. In. *Morus: Utopia e Renascimento. Dossiê: O impacto da descoberta do Novo Mundo na cultura européia*. Vol. 3. Campinas: Unicamp, 2006. p. 57.

¹⁵ DUBOIS, Claude-Gilbert. *Problemas da Utopia*. Campinas: Publiel-Unicamp, 2009. p. 38.

¹⁶ Idem, *Ibidem*. p. 40.

¹⁷ SARLO, Beatriz; ALTAMIRANO, Carlos. “El orientalismo y la idea del despotismo en el *Facundo*”. in *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

obra sarmientina, encerrando dentro de si os elementos determinantes e necessários à condição tanto de bárbaro como de civilizado – como o palácio da justiça, o teatro público, a ópera, a biblioteca, a imprensa ou sua completa ausência no caso da barbárie – que são articulados no discurso do autor de modo a estabelecer suas explicações e críticas ao contexto histórico e sociológico da primeira metade do século XIX.

2. De *Facundo a Argirópolis*: do rompimento com o historicismo ao utopismo.

Para se entender, então, as concepções utópicas que foram observadas – em que a mudança na concepção histórica de Sarmiento geraria o aparecimento de um dito utopismo – é necessário percorrer um caminho que se inicia em *Facundo*, tem seu ponto de inflexão intelectual nos acontecimentos testemunhados em *Viajes* e que expressaria de forma mais cabal tais modificações na análise histórica e propositiva existente em *Argirópolis*.

2.1. *Facundo* e o historicismo: ampliação do “horizonte de expectativas”.

Uma dentre tantas outras propostas existentes em *Facundo* é a tentativa de explicar o fenômeno político que fora o ascenso de Rosas ao poder. A obra se estrutura basicamente em três partes: 1º em que o autor faz uma análise do meio físico e social da Argentina de sua época, estabelecendo, por exemplo, os tipos sociais e as persistências culturais hispânicas na sociedade; 2º trata dos conflitos encabeçados pela personagem que dá nome ao livro, exemplificando o conflito entre a civilização e a barbárie denominado pelo autor como “guerra social”; 3º nesta última parte Sarmiento arremataria a obra fazendo uma projeção futura do possível desenlace político a partir da contínua persistência de Rosas no poder, em seu capítulo “presente y porvenir”. Obra trata, em suma, de duas forças antagônicas, segundo o autor: civilização e barbárie, que se enfrentam e que o resultado desse embate é a história da confederação Argentina desde sua independência em 1810 até o ano de 1845.

Para entender tal processo, Sarmiento vai buscar no maior expoente “bárbaro”, ao seu ver, uma chave para explicar o ocorrido. Em *Facundo* Quiroga estariam condensados e concentrados todo o determinismo histórico, social, cultural e geográfico existente na Argentina daquele momento, já que ele era a síntese de todos os tipos sociais presentes na campanha (tal como o gaucho rastrero, o baqueano, o cantor e o malo)¹⁸, além de quase fundir-se com a própria natureza, sendo chamado popularmente como “el tigre de los llanos”. *Facundo*, na concepção e análise sarmientina, seria o afloramento ou o resultado de dois

¹⁸ SARMIENTO, D.F. op. cit. cap. II: “Originalidad y caracteres argentinos”.

mundo que foram postos em contato, após as mobilizações e agitações políticas de 1810. Em suma, o que houve após a independência foi o contato desgastante entre a província “bárbara” e a cidade civilizada.

Nesse sentido, é válido abrir um breve parêntesis para explicar algumas categorias simbólicas e representativas presentes na obra de Sarmiento, que auxiliarão no entendimento de algumas de suas idéias e na maneira como ele trabalha essas representações em seus discursos. Um exemplo disso é a figura representativa da cidade. A cidade, seja como categoria ideal seja como forma física, tem para Sarmiento uma significação própria e especial, isso porque esses signos são verdadeiras chaves explicativas e índices da realidade que emanariam os significados daquilo que se vê¹⁹. Em suma, a cidade é um dos elementos constitutivos e participantes nesse teatro em que conflitam civilização e barbárie.

Para tornar isso mais plástico, o próprio Sarmiento analisa esse carácter representativo e quase figurativo do mundo físico e sua significação moral e sua posição dentro do esquema civilização e barbárie. Isso se dá quando o autor, para explicar essas duas forças em oposição, faz uma breve reflexão descritiva das cidades de Córdoba e Buenos Aires. Cada cidade expressará de forma sintética – e porque não alegórica – as forças em luta nesse conflito cultural que se movem no cenário político argentino. De um lado a persistência dos valores e da cultura hispânica caracterizada pela “monacal” Córdoba, com seus conventos, com a única arquitetura gótica existente na América, com sua universidade retrograda que conserva os esquemas de ensino escolásticos; enfim, a Idade Média que se caracterizaria como um lago fechado em si mesmo, sem contato com o mundo externo. Em oposição a esta se encontra a “menina dos olhos”, a cidade mais européia da América: Buenos Aires, onde as idéias e os livros correm de mão em mão, sua história de resistência contra as invasões inglesas em 1806; lugar onde a arquitetura, o comércio, a universidade e o porto jorram em civilidade, principalmente durante o governo de Martín Rodríguez e seu ministro chefe Bernardino Rivadavia. Buenos Aires é, portanto, a força e o vigor da cultura européia civilizada, semeando em solo americano a civilização. As cidades seriam, assim, símbolos dos valores e elementos pertencentes a cada parte do conflito.

¹⁹ PALTÍ, Elias. “La Nación como enigma. La aventura intelectual de Sarmiento”. in *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 57: “Las construcciones de sentido objetivadas en los fenómenos no son el resultado de decisiones caprichosas, sino el sedimentado de la grilla simbólica que los atraviesa y dispone. (...) al terminar con los fracs Rosas no sólo destruía una manifestación visible de la civilización; destruía la civilización misma”.

“Su simbólica apela a una conexión esencial del significante y el significado (...), existe un enlace unívoco entre la representación y lo representado, una contigüidad necesaria entre el sujeto y el atributo”²⁰

Em seguida, nos capítulos “Guerra Social”, a argumentação de Sarmiento caminha no sentido de demonstrar como a cidade fora invadida pelas forças bárbaras provenientes da província, algo que ocorrera basicamente por três motivos sequenciais: 1º o processo de independência que aproxima os dois pólos; 2º uma certa obstinação por parte das cidade em não compartilhar com a província o progresso experimentado; 3º a vingança da campanha contra a cidade, quando esta é tomada pelos caudilhos e principalmente por Rosas²¹; o que geraria um duplo movimento de unificação tanto por parte da civilização – partindo da cidade – como por parte da barbárie – com origem nos pampas.

Essa invasão das cidades pela força bélica e política dos chefes caudilhos é tido por Sarmiento como uma quebra de barreiras ou um cruzamento de fronteiras. O que estaria ocorrendo seria a “unificação” da campanha e da cidade sob as ordens da barbárie. Facundo Quiroga ao sair de seu âmbito e influência regional em La Rioja promoveria a unificação – em partes forçada – das regiões por ele conquistadas; o mesmo correndo com Rosas, já que este submeteria a “cultura Buenos Aires”, como Sarmiento a designa, às leis e costumes do campo, e este à disciplina e ordem existente na cidade, transformando a barbárie em sistema. O que se percebe aqui é um aparente paradoxo em relação ao dito movimento da história, pois quem estaria promovendo a formação e conformação da nação argentina seria justamente um governo tirano e bárbaro, encabeçado por Rosas, tal qual analisa Elias Palti:

“Se produce así lo inconcebible: la barbárie se impone y logra elevarse a un rango histórico; el principio de lo inerte invade y ocupa el lugar de lo que es por esencia movimiento. Surge aquello que los europeos no alcanzan aún a comprender. Para la cultura de la civilización su designación constituía un verdadero monstruo lingüístico, que violenta las leyes que gobiernan nuestro universo simbólico y lleva a crear engendros tales como el término de ‘civilización tártara’”²².

Numa última investida para tentar dar um sentido a essa excepcionalidade nos rumos da história argentina, Sarmiento desenvolve uma reflexão paradoxal na terceira parte do livro,

²⁰ SAZBON, José. *Historia y representación*. Buenos Aires: Univ. Nacional de Quilmes, 2002. p. 264. apud. PALTÍ, Elias. *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 57.

²¹ SARMIENTO, D.F. Op. cit. p. 26: “En vano le han pedido las provincias que les deje pasar un poco de su civilización, de industria y de población europea; una política estúpida y colonial se hizo sorda a sus clamores. Pero las provincias se vengaron mandándole en Rosas, mucho – y demasiado – de la barbárie que a ellas les sobrara”.

²² PALTÍ, Elias. Op. cit. p. 62.

pois ao mesmo tempo que se mostrava inovadora volta a retomar certa perspectiva historicista e linear. Isso se daria porque Rosas, ao destruir todos os limites, nivelou tanto campo como cidade o que favoreceu o processo de reunião de toda a sociedade argentina, de modo que destruiu tanto o cidadão civilizado, como o gaúcho bárbaro. Entretanto, e aqui se encontra o paradoxo, ao “unificar” o país sob o peso da força e do terror, Rosas acaba por formar todo um movimento de oposição contra si, em que a união do povo contra a tirania acabaria por formar uma frente anti-rosista poderosa que findaria a barbárie do general bonaerense²³. Ou seja, a concepção historicista volta a aparecer em um vaticínio que em 1852 não se mostrou tão errado, mas que também não fora tão linear e simples como imaginava o escritor sanjuanino.

Mas onde se encontraria, afinal, o *utopismo* em *Facundo*? Em princípio, a noção de utópico em Sarmiento não se expressaria de forma convincente nessa sua obra mais conhecida, já que suas interpretações ainda tentam se adequar às chaves explicativas do historicismo vigente em sua época. O que se quis constatar ao se fazer uma breve análise dessa obra é perceber como Sarmiento rompe com alguns esquemas explicativos compartilhados por intelectuais de sua época e permanece aberto a outras interpretações para entender a figura de Rosas e o movimento paradoxal de unificação promovido pelo general portenho, já que seu esquema, desproporcional na explicação dos dois pólos em luta²⁴, não cumpre uma explicação satisfatória, que em princípio era explicar as razões da ascensão da barbárie no contexto argentino e os motivos que haviam levado a civilização a sucumbir. O que se percebe é que o esquema civilização e barbárie não explica de todo o contexto e o modelo historicista que, segundo algumas percepções de Sarmiento, começa por apresentar “rachaduras”, uma vez que seria a barbárie quem faria a história da nação argentina²⁵.

Em suma, o que se percebe nesse movimento intelectual gerado por Sarmiento é uma tentativa de ampliação de um certo “horizonte de expectativas” que fora contradito com os fatos políticos desencadeados por Rosas em 1835. Essa busca por uma nova interpretação a essa excepcionalidade do fenômeno político argentino é o que fará com que o autor aviste

²³ SARMIENTO, D.F. Op. cit. p. 242: “La lucha de las ciudades contra las campañas de ha acabado; el odio contra Rosas ha unido estos elementos; los antiguos federales y los viejos unitarios, como la nueva generación, han sido perseguidos por él y se han unido”.

²⁴ Em seu esquema dual civilização-barbárie, Sarmiento acaba por analisar e refletir mais sobre a barbárie do que sobre a civilização em si, o que conferiria certo desequilíbrio para a obra.

²⁵ PALTI, Elias. Op. cit. p. 62: “La historia del proceso de reducción a la unidad que Sarmiento se proponía explicarnos se revela finalmente como la del curso por el que la historia se niega a si misma”.

uma saída fora dos esquemas então existentes. A inconformação do autor ante sua realidade seria sintoma evidente do que aqui se entende por utopismo.

2.2. Viagens: um ponto de inflexão rumo ao utopismo.

Em partes como forma de reconhecimento por sua atuação junto ao governo chileno de Bulnes e seu ministro Manuel Montt – principalmente na área de educação primária – e também como forma de afastar o intelectual argentino dos conflitos políticos travados pelo sanjuanino contra o governo de Buenos Aires por meio da imprensa chilena, e que já começavam a causar problemas diplomáticos do outro lado dos Andes – principalmente após a publicação de *Facundo* –, fora oferecido a Sarmiento um convite com o encargo de viajar para a Europa e observar os sistema educacional de alguns países, de forma a produzir um relatório sobre o assunto ao final de sua viagem. O relato sobre educação sairá baixo o título de *Educación Popular* e a descrição da viagem feita por meio de cartas enviadas a amigos do escritor está compilada no livro *Viajes a Europa, África y EE.UU.*

O livro é uma compilação das cartas de Sarmiento enviadas a amigos as quais tratam de suas experiências de viagem nas mais variadas partes do velho continente, norte da África e EUA. O que é interessante notar nesse documento é a maneira como a viagem e as experiências advindas desta acabam por influir na visão de mundo do autor e concomitantemente em suas idéias.

Pode-se dizer que esta viagem empreendida por Sarmiento é também uma espécie de “viagem iniciática”, em que haveria pelo autor é uma forma de abertura do olhar e da consciência que conferiria certos parâmetros críticos tanto para uma análise mais detida da realidade que é deixada para traz, como da nova realidade em direção a qual o viajante se destina²⁶. Se de maneira utópica ou não, a viagem em Sarmiento contribuirá com o autor na resolução de alguns problemas que, segundo Elias Palti²⁷, ainda estariam pendentes na obra *Facundo*, tais como a passagem da anarquia à ordem e a maneira como isso se liga a um projeto de nação moderna; e a relação entre determinismo natural e ação racional, algo que se ligaria com a noção de utopismo presente na obra *Argirópolis*.

²⁶ FORTUNATI, Vita. *La letteratura utopica inglese. Morfologia e grammatica di un genere letterario*. Ravenna, 1979. pp. 37-47. apud TROUSSON, Raymond. “Utopia e utopismo” tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. In. *Morus: Utopia e Renascimento. Dossiê: Utopia como Gênero Literário*. Vol. 2. Campinas: Unicamp, 2005. p. 131: “Simbolicamente, a viagem representaria o abandono dos velhos valores, seguido da descoberta e da aquisição de valores novos. Aventura heróica e itinerário espiritual, ela permite ao viajante criar um ponto de vista de fora, encarnar valores que serão postos em discussão e é a sua presença, enfim, que cria a possibilidade da descoberta e do diálogo”

²⁷ PALTI, Elias. *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 70.

Dentre todas as cartas escritas enquanto esteve em viagem, as referentes a sua experiência quando esteve nos EUA são aqui de maior apreso, pois são nelas que o autor demonstraria algumas das mudanças conceituais em relação à história e ampliaria seu “horizonte de expectativas” após sua decepção com a estrutura e política francesa – sua maior referencia até então²⁸.

Apesar da dita familiaridade que Sarmiento expressa ao se encontrar emerso na cultura francesa, os fatos de ordem política que ele presencia durante sua visita à Assembléia Legislativa daquele país e a maneira como seu o sistema político-eleitoral se encontra estruturado, tudo acaba por decepcioná-lo, o que o leva a criticar certas bases e princípios.

“La Francia ha caído en este horrible lazo, i en vano se ajita, lucha, protesta; ella no es el país legal, ni el país electoral. Cuando se echa en cara a M. Guizot esta corrupción del elector i del elegido, se dirige a la mayoría i la apostrofa en estos términos: ‘Os sentis corrompidos?’ No, grita la mayoría, con gran confusión de las pobres minorías que ven realmente que no hai corrupción, puesto que cuatrocientos ajiotistas lo repiten. Cuando se denuncia en la tribuna un delito evidente como la luz, una dilapidación escandalosa, probada, M. Guizot pide que la cámara decida si está o no satisfecha, i un movimiento en masa de la turba de cómplices, absuelve de toda culpabilidad al rei i al ministerio. He ahí el país legal, he ahí los grandes hombres de la tierra!”²⁹.

Essa decepção se torna ainda mais profunda ao se notar o nome de François Guizot – grande responsável pelo desenvolvimento de análises e teorias historicistas – nessa declaração de Sarmiento com respeito à política francesa, seu sistema eleitoral corrupto e a ignorância dessa classe política em relação aos problemas políticos existentes no Río de la Plata, nos quais a própria França estava envolvida. Isso porque o político e ministro de estado de Luis Felipe fora tido como grande referencia política e intelectual durante a feitura da obra *Facundo*, em que a análise da invasão das cidades pela barbárie se assemelha muito com o modelo explicativo do surgimento do feudalismo³⁰. Em outras palavras, percebe-se nesse ponto o ambíguo sentimento de “desencantamento com o mundo” por parte do sanjuanino e a lacuna “ideológica” que isso provoca em algumas chaves explicativas da realidade histórica

²⁸ KATRA, William H. “Sarmiento en los Estados Unidos”. in SARMIENTO, D.F. *Viajes*. Buenos Aires: ALLCA XX /Scipione Cultural, 1997.

²⁹ SARMIENTO, D.F. *Viajes*. Buenos Aires: ALLCA XX /Scipione Cultural, 1997.

³⁰ KATRA, WILLIAM H. Op. cit. p. 864.

do autor³¹. O processo de “re-encantamento” e reformulação de suas bases explicativas que desaguarão nos projetos e propostas apresentadas em *Argirópolis* ocorrerá no último trecho de sua viagem.

Ao chegar aos Estados Unidos de meados do séc. XIX, Sarmiento encontraria, segundo suas perspectivas, uma sociedade burguesa que teria dado certo ou pelo menos estava mostrando frutos de um certo desenvolvimento equitativo, diferentemente de uma Europa que via se aprofundar cada vez mais o abismo entre os diferentes componentes do tecido social. O que se teria, então, é um esvaziamento dos referenciais do autor que serão “urgentemente” preenchidos com a experiência do olhar curioso, do olhar que busca ver o que quer e precisa, enfim, o olhar apressado de um intelectual idealista e interessado em buscar material e evidências para a construção de seu projeto de nação³².

Os EUA passam a ser, então, o novo referencial de um modelo “utópico” ou idealizado de nação isso porque Sarmiento vê de certa forma realizada nessa sociedade uma espécie de fusão harmônica entre a questão moral (os valores presentes nessa sociedade) e sua atuação frente a realidade imediata. Não se pode esquecer, ao se ler essa obra, o lado idealista-historicista presente em Sarmiento, em que a sociedade ia se aperfeiçoando por meio das idéias presentes em uma dada sociedade que empurravam o desenvolvimento das instituições sociais e das forças produtivas. Daí sua crença, por exemplo, na força da educação como privilegiada promotora do desenvolvimento social, já que a consciência moral seria o elemento motor do desenvolvimento de uma dada nação.

“Los Estados-Unidos son una cosa sin modelo anterior, una especie de disparate que choca a la primera vista, i frustra la espectación pugnando contra las ideas recibidas, i no obstante este disparate inconcebible es grande i noble, sublime a veces, regular siempre”³³

Entretanto, o que Sarmiento tira como conclusão dessa junção entre uma moral coletivamente compartilhada – muito devido à moral religiosa, segundo o relato do autor – e a construção de uma sociedade, de uma nação mais equânime em oportunidades e realizações é o fato da ação do indivíduo e sua capacidade de agência em relação à transformação de seu meio. Ou seja, o sujeito passa a ser o elemento central nesse mover da história, em que o que

³¹ SARMIENTO, D.F. Op.cit. p. 290: “Quiero decirle que salgo [de Europa] triste, pensativo, complacido I abismado; la mitad de mis ilusiones rotas o ajadas, miéntras que otras luchan con el raciocínio para decorar de nuevo aquel panorama imaginario en que encerramos siempre las ideas cuando se refiere a objetos que no hemos visto”.

³² CORTÁZAR, Julio. “Las babas del diablo” in. *Las armas secretas*. Buenos Aires: Sudamericana, 1975. p. 83. Nesse escrito é interessante notar a relação entre a atitude de se ver: “mirar” e aquilo que se vê: “lo mirado”.

³³ SARMIENTO, D.F. Op. cit. p. 290.

era pautado pelo determinismo do meio e das condições acaba por se evidenciar em uma atuação deliberada e própria do indivíduo³⁴.

“I como en las cosas morales la idea de la verdad viene ménos de su propia esencia, que de la predisposición de ánimo, i de la aptitude del que aprecia los hechos, que es el individuo, no es extraño que la descripción de las escenas de que fuí testigo se mezclase con harta frecuencia lo que no vi, porque existia en mí, mismo, por la manera de percibir trasluciendo mas bien las propias que las ajenas preocupaciones. I a ser bien desempeñada esta parte, ¿quien no dijera que ese es el mérito i el objeto de un viaje, en que el viajero es forzosamente el protagonista, por aquella solidaridad del narrador i la narración, de la vision i los objetos, de la materia de examen i la percepción, vínculos estrechos que ligan el alma a las cosas visibles, i hacen que vengan éstas a espiritualizarse, cambiandose en imágenes, i modificándose i adaptándose al tamaño i alcance del instrumento óptico que las refleja?”³⁵.

Seguindo suas observações e seu relativo “encantamento” com a sociedade estadunidense, Sarmiento vai encontrar essa junção entre moral – compartilhada entre a coletividade dos indivíduos – e capacidade de agência desse sujeito em transformar seu meio na figura das cidades americanas. Estes espaços urbanos encontrados são descritos como pequenas vilas onde a produção material estaria em consonância com a dignidade moral prometida a cada indivíduo, em que a produção fabril, segundo as observações de Sarmiento, permitiria o desenvolvimento social e econômico desse mesmo indivíduo, de modo que tal trabalho não o embrutecesse, mas antes contribuísse para a sociedade como um todo; algo que Sarmiento não evidenciou em sua passagem pela Europa. Ou seja, essa cidade é uma mescla de iniciativa de indústria e uma elevação moral do indivíduo, em que os operários estadunidenses, por exemplo, receberiam até mais que seus competidores ingleses sem necessariamente abandonar sua elevação moral³⁶.

“¿Cómo con las fábricas, i los salarios ínfimos pagados a un pueblo miserable i anrajoso? Dícese que las fábricas aumentan el capital, en razon de la miseria popular que producen. Lowell es un desmentido a esta teoría. (...) ¿Como han hecho este prodijio? Apurado todos los medios intelijentes de que el pais es tan rico. El obrero, el maquinista son hombres educados; su trabajo por tanto es perfecto, sus medios injeniosos; i pudiendo calcular el

³⁴ PALTI, Elias. Op. cit. p. 71: “Si el sujeto puede entender los signos sedimentados en los fenómenos históricos es porque él nos es un mero narrador pasivo y desapasionado, sino también “forzosamente el protagonista””.

³⁵ SARMIENTO, D.F. Op. cit. p. 6.

³⁶ PALTI, Elias. Op. cit. p. 73.

tiempo i el producto, producen mayor cantidad de obra i mas perfecta. Las hilanderas i trabajadoras son niñas educadas, sensibles a los estímulos del deber i de la emulación”³⁷.

Outro ponto apreciável que Sarmiento vê de certa forma desenvolvido nas cidades estadunidenses é a noção de sistemas políticos e a participação de seus indivíduos. Apesar de não ter prestado muita atenção com relação ao sistema e seus mecanismos, o que particularmente atrai Sarmiento nesse percurso pela “utopia” é a maneira como o modelo de municipalidade permite a participação dos integrantes da sociedade, sem que necessariamente haja um caos tal que leve ao surgimento de figuras tirânicas para a promoção da ordem – tal qual acontecia na Confederação Argentina. Isso ocorreria porque uma grande parte da comunidade compartilharia e difundiria os mesmos valores ordenadores da sociedade, o que acarretaria em um processo de civilização mais amplo e não somente restrito às classes aristocráticas, como acontecia na Europa, por exemplo³⁸. O sistema de eleições e municipalidades, influenciados por esse compromisso moral elevado, formariam a sociedade quase utópica observada por Sarmiento.

“Pues que no doy este nombre sino a la manifestación constante y seguida aspiración de un pueblo en prosecución de una idea nacional, que existe y se revela en cada hombre, por generaciones sucesivas”³⁹.

O que é interessante nessas observações feitas por Sarmiento durante suas viagens é a maneira como ele muda algumas de suas concepções com relação à história e a atuação do sujeito em relação a esta, o que lhe permite avistar outros projetos possíveis de nação. Em outras palavras, a influência recebida após sua experiência em terras européias e estadunidenses fez o intelectual argentino perceber que os conflitos e resoluções presentes em uma dada sociedade se ligam ao papel atuante desse sujeito. Assim, um novo projeto de nação seria possível a partir desse sujeito – intelectual e moralmente estruturado pela educação, por exemplo –, a partir do momento em que “tal subjetivación del mundo operada en *Viajes* tendrá como contrapartida la objetivación del sujeto”, tal como analisa Palti.

2.3. Argirópolis: a cidade do Prata.

O contexto no qual se insere a obra – início da década de 1850 – é um momento de certa estabilidade nas guerras inter-provinciais e de um predomínio hegemônico de Buenos

³⁷ SARMIENTO, D.F. Op. cit. p. 390.

³⁸ PALTÍ, Elías. Op. cit. p. 74. “La conformación de este sentido de identidad comunal es, en definitiva, lo que condensa la idea romántica de nación. Ésta no es, pues, para él [Sarmiento], una entidad natural sino una construcción humana, un producto del arte”.

³⁹ SARMIENTO, D.F. *Viajes*. Buenos Aires: Editorial Belgrano, 1981. p. 584.

Aires sobre o restante da confederação. Após mais de uma década de contínuos conflitos interprovinciais; arranjos e desarranjos com potências internacionais – como os bloqueios de 1838 e 1843; a expansão do conflito interno à Argentina para outros pontos do continente, como se constatará com o cerco do general Oribe, apoiado por Rosas, à cidade de Montevideu; enfim, tudo acaba por se estabilizar temporariamente ao final da década de 1840 e Rosas consegue impor durante essa época seu modelo federal de governo em outras províncias por meio de alianças e vinculações políticas junto a famílias “terratenientes” ou caudilhos que se mostrassem coniventes com os pressupostos federais. O que se tem, então, é uma relativa unificação da nação sob uma rígida influência de Buenos Aires e seus pactos políticos federais⁴⁰.

É percebendo justamente esse momento histórico que, em 1850, Sarmiento publica um ensaio de caráter analítico-programático intitulado *Argirópolis*, no qual propõe a criação de uma capital federal de mesmo nome na ilha de Martín García, território localizado na embocadura do rio da Prata e que apresentava uma posição geo-estratégica na região. A obra, publicada em princípio de forma anônima (o que sugeriria uma estratégia política do autor), pode ser dividida em dois momentos: o primeiro de contextualização da conjuntura política e social, no qual o autor reflete sobre a inobservância do governador da província de Buenos Aires em convocar um congresso constitucional e a conseqüente instabilidade gerada na Confederação Argentina; algo que também era causado pelo desequilíbrio de riquezas, tanto públicas como privadas, existentes entre Buenos Aires, principal entreposto entre o comércio Europa-Argentina, e os demais Estados provinciais⁴¹.

Num segundo momento, o autor apresenta um projeto-proposta que consiste na implantação da capital federal do país na ilha de Martín García, porta de entrada da rede fluvial interna na região do Prata. Argirópolis, então, também se delineia no texto como possível sede de uma associação entre os Estados do Paraguai, Uruguai e a própria Argentina, sendo uma forma de reunificação do antigo vice-reinado do Prata, mas sobre bases conciliatórias de mútuo respeito político e nacional. Ainda assim, o que chama mais atenção nessa proposta, é o poder aglutinador-unificador que essa cidade planejada possuiria seja para a superação do histórico de conflitos, seja para a unificação das províncias do Prata e seu

⁴⁰ GOLDMAN, Noemí. Nueva Historia Argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005

⁴¹ FERNÁNDEZ, Javier. “Prólogo” in. *Argirópolis*. Buenos Aires: Editorail Leviatán, 2005. pp. 9-10: “Al escribir *Argirópolis* en 1850, Sarmiento había estudiado todos los pactos firmados hasta entonces; tenía una clara percepción de los hacedero y advertía muy bien las fronteras psicológicas que separaban provincias y países, más que las geográficas e históricas”.

planejado progresso comercial e material. Em outras palavras seria o poder civilizador e organizador que a cidade em si apresentaria, segundo a perspectiva sarmientina.

Entretanto, o que chama a atenção na estratégia do autor para que se alcance um estágio de superação do conflito e desenvolvimento político e moral da nação – tal qual havia observado nos EUA durante suas *viajes* – é a utilização mesma da história na tentativa de criação de uma mobilização que possibilitasse uma mudança de rumos na política de modo a alcançar de fato um estágio de nação unificada. Em outras palavras, Sarmiento para obter essa mudança política que favoreceria o desenvolvimento da nação joga com a própria história, relembando os tratados estabelecidos pelos governos federais na implementação de um congresso constituinte nacional. Ou seja, ainda persiste em Sarmiento uma perspectiva constitucionalista de que todos os problemas estariam resolvidos a partir da organização legal do país

“Ningún sentimiento de hostilidad abrigan estas páginas, que tienen por base el derecho escrito que resulta de los tratados, convenciones y pactos celebrados entre los gobiernos federales de la República o Confederación Argentina. Las medidas que proponemos son, a más de legítimas y perfectamente legales, conformes al derecho federal que sirve de base a todos los poderes actuales de la Confederación. Tienen su apoyo en el interés de todos los actores en la lucha, se fundan en la constitución geográfica del país, y lo que apenas podría esperarse, dejan a cada uno en el puesto que ocupa, a los pueblos libres sin subversión, la guerra concluída sin derrota, y el porvenir asegurado sin nuevos sacrificios”⁴².

Nesse sentido, a estratégia de Sarmiento é de (de)escrever uma história que vá além das fronteiras interprovinciais da confederação e que agregue os outros países envolvidos, tal como o Paraguai e o Uruguai. A internacionalização do problema ou dos conflitos geraria, no ver de Sarmiento, um duplo movimento: 1º de que a questão do Prata é muito mais ampla, abarcando outros agentes que deveriam ser ouvidos; 2º de revelar uma certa usurpação por parte do governador de Buenos Aires do encargo de representante das relações exteriores em benefício exclusivo de sua província, algo que demandaria a retirada de tal poder de Rosas e uma conseqüente abertura ao diálogo. Ou seja, como o conflito e os problemas se mostram de ordem diplomática em que a pessoa encarregada de estabelecer tais compromissos demonstra certa atitude usurpadora, nada mais justo do que retirá-la tal condição especial.

“(…) la palabra congreso parece haber sido abolida de nuestros lenguajes políticos, y lo que se dio como *provisório* y de las circunstancias del momento tomarse por definitivo y normal.

⁴² SARMIENTO, D.F. *Argirópolis. Argirópolis*. Buenos Aires: Editorail Leviatán, 2005. p. 16.

Si hay un gobierno a quien el decoro y la dignidade de su posición lê imponen el deber de no oponer resistências a ese antiguo y postergado voto de la nación, es el de Buenos Aires, por temor de que la historia lo culpe de querer confiscar en provecho del simple gobernador de una província las facultades que sólo puede ejercer la nación; por temor de que se crea que arrancó dolosamente a la sinceridad, resuelto a no cumplir jamás con la condición expressa en cuya virtud se hacía la concesión”⁴³.

O que se tem, então, nessa primeira parte do livro é o trabalho com o discurso e os referencias estabelecidos pelos próprios governos federais, aos quais Sarmiento em partes se opunha, para alcançar um fim político maior: a unificação da nação e a consolidação do Estado. Em outras palavras, tal qual fora analisado na obra *Facundo*, Sarmiento evidencia uma certa unificação “involuntária” por tais governos “bárbaros”, mas que se demonstrariam incompletas em seu alcance e organização. Em seu constitucionalismo idealistas expresso naquele momento, a plena organização da nação só se daria por meio de um congresso onde todos os envolvidos teriam iguais condições na construção dessa nova ordem.

Trabalhando sua análise no sentido de demonstrar as contrariedades e brechas presentes nos próprios arranjos e acordos políticos estabelecidos pelos governos federais, Sarmiento lança sua proposta de superação, por vias diplomáticas, dessa indefinição política na região: a criação de uma capital federal dos Estados Unidos do Rio da Prata na ilha de Martín García. Crendo, como fora dito, nessa força do constitucionalismo ordenador da política, Sarmiento propõe a convocação de um congresso nacional que estabeleceria dentre outras coisas a criação dessa cidade ideal que de forma quase milagrosa eliminaria os conflitos tanto de ordem interna como externa. Isso porque a razão de tantos conflitos se daria basicamente pela desigualdade econômica e produtiva entre as outras províncias da confederação e a província de Buenos Aires.

Com a criação e o deslocamento do eixo político para um ponto cêntrico no mapa político da região, haveria uma eliminação dessa concentração política e econômica excessiva existente em Buenos Aires. Como fora visto, Sarmiento ficou profundamente afetado com suas observações da sociedade estadunidense e sua maneira de organização política e econômica. Tal qual a Confederação Argentina e a bacia do Prata, os EUA também sofriam com uma concentração excessiva da produção econômica na região de Nova York e Boston e que a implantação de uma capital federal em uma das duas cidades somente agravaria uma disputa política; daí que Washington é criada como capital política como meio de superação

⁴³ SARMIENTO, D.F. Op. cit. p. 35.

dessa possível crise institucional. *Argirópolis*, então, é a versão sul-americana dessa proposta, já que o deslocamento do eixo político-econômico beneficiaria não somente a umas poucas províncias mas o conjunto da confederação.

“Creemos haber llegado a establecer seolidamente la conveniencia, la necesidad y la justicia de crear una capital en el punto céntrico del Río de la Plata, que poniendo por su posición geográfica en armonía todos los intereses que se chocan sin provecho después de tan largos años, termine a satisfacción de todos los partidos, de todos los Estados del Plata la guerra que los desoía, para cuya solución han sido impotentes las armas de la Confederación Argentina y la diplomacia europea. Efectivamente, la creación de una capital en Martín García, para conciliar los intereses y la libertad de los Estados confederados”⁴⁴.

O que se nota mais uma vez nessa contínua mudança nas idéias de Sarmiento é o deslocamento do eixo de análise, sem no entanto afetar seu utopismo no que concerniria à construção da nação. O que se quer dizer é que o que começou com um problema de fundo de ordem cultural e política em *Facundo*, passa a ser um problema de ordem político-econômica, sem que necessariamente o autor perca seu “sentimento utópico” no que tange à construção de uma nação, de acordo com alguns princípios idéias e referencias ordenadoras estabelecidas pelo pensamento idealista de Sarmiento. O utopismo, então, se manifestaria nessa inconformação com o *status quo* e uma vontade de atualizar a justiça que, em *Argirópolis*, se manifesta no desenvolvimento de uma cadeia produtiva mais equilibrada e um livre acesso de cada região da confederação ao mercado europeu – algo que caracterizaria a “utopia mercantil” de um pensamento econômico liberal de meados do séc. XIX – além da construção física e política dessa cidade ordenadora, por meio da atuação direta desse imaginado sujeito político, dentro da ótica sarmientina. Ademais, como fora visto anteriormente, a cidade reaparece como grande elemento ordenador, já que seria no espaço dessa cidade feita em capital federal que os conflitos se resolveriam, consolidando-se uma nova ordem política⁴⁵.

Conclusão:

O que se tentou provar foi que o elemento utópico presente nas três obras analisadas do escritor argentino D. F. Sarmiento advém de dois eventos: primeiro do desencanto e da contradição que o governo Rosas proporcionou em relação às teses e idéias românticas do

⁴⁴ SARMIENTO, D.F. Op cit. 87.

⁴⁵ SARMIENTO, D.F. Op. cit. p. 91: “Nosotros no pedimos más a los hombres desapacionados y a quienes no extravían pasiones culpables que mediten sobre estos puntos y habitúen su espíritu a creer posible lo que es verosímil, a desear que sea un hecho lo que en teoría presenta tan bellas formas”.

historicismo, em que a história apresentaria um eterno desenvolvimento evolutivo e positivo, beneficiando a sociedade como um todo; e segundo do mudança de perspectiva com relação às chaves explicativas que são político-culturais em *Facundo* e que se tornariam político-econômicas em *Argirópolis*. Em outras palavras, o sentimento utópico ou utopismo presente na obra de Sarmiento surgiria de uma necessidade de ampliação do horizonte de expectativas que fora abalado com os acontecimentos históricos a partir de 1835 com o segundo governo de Juan Manuel de Rosas e que durou até à batalha de Caseros em 1852.

Esse inconformismo, juntamente com uma intenção de atualizar a justiça no espaço político do Rio da Prata fazem com que Sarmiento se mostre aberto a outras explicações na tentativa de compreensão e superação dos problemas evidenciados em seu tempo. Desse modo, as transformações nas concepções sobre a história: seu movimento, seus sujeitos e contingências, permitem ao escritor e político argentino deslumbrar um novo campo de análise político e social, em que o sujeito – descoberto depois de sua “viagem iniciática” pela Europa e EUA – passa a ser o grande referencial de construção de uma nova ordem político social. A “utopia” em Sarmiento, portanto, se encontra não somente na sua idealização e figuração de um espaço urbano como forma de combate à barbárie ou como elemento aglutinador de uma sociedade fragmentada, mas também na descoberta do sujeito e na capacidade de agência deste que, por uma vontade deliberada e racional, toma o destino nas próprias mãos e luta por construir um outro mundo possível.

Bibliografia e demais fontes de pesquisa.

BATTICUOERE, Graciela; KLAUS, Gallo; MYERS, Jorge. *Resonancias románticas: ensayos sobre historia de la cultura (1820-1890)*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

BOTANA, Natalio. *La tradición republicana. Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1984.

COLOMBO, Arrigo. “Formas da Utopia: as muitas formas e a tensão única em direção à sociedade de justiça”. In. *Morus: Utopia e Renascimento. Dossiê: O impacto da descoberta do Novo Mundo na cultura européia*. Vol. 3. Campinas: Unicamp, 2006.

CORTÁZAR, Julio. “Las babas del diablo” in. *Las armas secretas*. Buenos Aires: Sudamericana, 1975.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *Problemas da Utopia*. Campinas: Publiel-Unicamp, 2009.

FERNÁNDEZ, Javier. “Prólogo” in. *Argirópolis*. Buenos Aires: Editorail Leviatán, 2005.

FORTUNATI, Vita. *La letteratura utopica inglese. Morfologia e grammatica di un genere letterario*. Ravenna, 1979.

GOLDMAN, Noemí. *Nueva Historia Argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005.

HALPERIN DONGHI, T. *De la Independencia a la Confederación Rosista*. Buenos Aires: Paidós, 1985.

_____. *Proyecto y Contrucción de una Nación (1846-1880)*. Buenos Aires: Emecé, 2007.

KATRA, William H. “Sarmiento en los Estados Unidos”. in SARMIENTO, D.F. *Viajes*. Buenos Aires: ALLCA XX /Scipione Cultural, 1997.

MYERS, Jorge. “La generación de 37”. in GOLDMAN, Noemi. *La Nueva Historia Argentina*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1998.

PALTI, Elias. “La Nación como enigma. La aventura intelectual de Sarmiento”. in *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

_____. *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 70.

PRIETO, Adolfo. *Los Viajeros Ingleses Y La Emergencia De La Literatura Argentina (1820-1850)*. México: FCE, 1996.

POPPER, Karl. *A miséria do historicismo*. São Paulo: Cultrix, 1987

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina. Literatura y política en el siglo XIX*. México: FCE, 1989.

SARLO, Beatriz; ALTAMIRANO, Carlos. *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

SARMIENTO, D.F. *Facundo*. Buenos Aires: Colihue, 2006.

_____. *Viajes*. Buenos Aires: ALLCA XX /Scipione Cultural, 1997.

_____. *Argirópolis. Argirópolis*. Buenos Aires: Editorail Leviatán, 2005.

SAZBON, José. *Historia y representación*. Buenos Aires: Univ. Nacional de Quilmes, 2002.

TERÁN, Oscar. *Historia de las ideas en la Argentina*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2009.

TROUSSON, Raymond. “Utopia e utopismo” tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. In. *Morus: Utopia e Renascimento. Dossiê: Utopia como Gênero Literário. Vol. 2*. Campinas: Unicamp, 2005.